

A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO ACOMPANHAMENTO ASSISTENCIAL À GESTANTE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Ana Luzia de Abreu BALBINO¹; Greice Ione Mendes ALMEIDA²; Kamille CHAVES⁴; Ronívia Aparecida RODRIGUES³

¹Ana Luzia de Abreu Balbino é graduanda em Enfermagem – Enfermagem / UNINCOR – Betim/MG e atua como Auxiliar de Saúde Bucal no município de Juatuba/MG

²Greice Ione Mendes Almeida é graduanda em Enfermagem – Enfermagem / UNINCOR – Betim/MG e atua como professora da Rede de Educação Pública de Minas Gerais.

³Ronívia Aparecida Rodrigues é graduanda em Enfermagem – Enfermagem / UNINCOR – Betim/MG e atua como Técnico de Enfermagem no município de Betim/MG

Kamille Chaves é docente do Curso de Enfermagem – Enfermagem / UNINCOR – Betim/MG.

Palavras-Chaves: Enfermagem. Gestante. Pré-natal

RESUMO

O artigo tem como objetivo central ressaltar a importância do enfermeiro no acompanhamento à gestante no ESF; e, especificamente, identificar a função deste profissional na equipe multiprofissional, descrever o contexto histórico da relação do enfermeiro à saúde da gestante e sensibilizar os profissionais da saúde sobre a importância do enfermeiro na equipe multidisciplinar. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como um estudo exploratório, tendo como base um levantamento bibliográfico, realizando uma busca retrospectiva do assunto em questão; sendo o foco principal a importância do enfermeiro na atenção básica à gestante. Todos os artigos consultados são indexados nos sítios MEDLINE, SCIELO, BIREME, LILACS e manuais técnicos do Ministério da Saúde. Através destes estudos foi realizada uma reflexão crítica sobre o assunto, observando que a enfermeira deve ter um perfil de educadora, pois precisa orientar as gestantes durante o período de gestação, desenvolvendo práticas educativas, planejando programas que visem ensinar e/ou orientar sobre técnicas que podem ser utilizadas para que o trabalho parto seja realizado humanizadamente, reduzindo a dor. Para tanto, a enfermeira deve possuir uma formação clínica e educativa, ou seja, ela deve estar preparada para ver, avaliar e realizar discussões com a gestante sobre o seu autocuidado. O processo educativo é, pois, um dos melhores métodos para dar suporte à gestante, o que ajuda a diminuir o estresse, o medo e a dor provenientes da gestação e perceptível durante o trabalho de parto. As informações, fornecidas por estas pesquisas, geram dados que permitem detectar se realmente os direitos das gestantes estão. Percebe-se, portanto, que as mulheres gestantes de todas as classes, nos últimos anos, têm procurado mais frequentemente os serviços de assistência básica à sua saúde durante o pré-natal. Os programas de informação têm ajudado muito para conscientizar este público a procurar assistência nos sistemas públicos básicos de saúde. A enfermeira deve, pois, possuir uma formação clínica e educativa, ou seja, ela deve estar preparada para ver, avaliar e realizar discussões com a gestante sobre o seu autocuidado. O processo educativo é, pois, um dos melhores métodos para dar suporte à gestante, o que ajuda a diminuir o estresse, o medo e a dor provenientes da gestação e perceptível durante o trabalho de parto. Chegando-se à conclusão que o enfermeiro obstetra tem um papel diferenciado que vai além do cuidar, ele está habilitado a conduzir o parto, ou seja, realmente “fazer” o parto normal sem distócia, ou seja, sem nenhuma complicação, e também que não haja nenhuma doença associada a gravidez (como hipertensão, diabetes ou cardiopatias), realizar episiotomia e episiorrafia com anestesia, já que o mesmo é capacitado para tal, garantido pelo Ministério da Saúde. Infelizmente, mesmo com respaldo legal e ético, a assistência ao parto por enfermeira obstetra é motivo de conflitos entre a equipe de saúde, particularmente ao que se refere aos limites de atuação do enfermeiro e do médico. Tais conflitos devem ser identificados e discutidos nas instituições e estas devem investir no trabalho em equipe e dispor de protocolos claros, definindo limites de responsabilidades.